



O caos está sendo criado

Benedicto Ismael Camargo Dutra (*)

No passado longínquo, havia o sacerdote rei que agia com justiça, seguindo as leis universais da Criação

A decadência espiritual foi introduzindo tirania, despotismo, cobiças de poder, e a riqueza que envolve várias esferas do poder. Vieram as monarquias, o Estado-nação, o capitalismo de mercado e o capitalismo de Estado, que atualmente está em visível confronto. A democracia republicana estagnou e retrocedeu em vez de evoluir para formas justas e equilibradas de governar. Diante disso, a Terra se encontra caótica com o avanço de tumultos e do direito da força.

Sem a sensibilidade intuitiva, o ser humano vai enrijecendo, agindo de forma mecânica, o que elimina alvos enobrecedores em toda a extensão. Restabelecer a sensibilidade intuitiva, isto é, a do coração, significa recuperar a empatia, e assim os objetivos da boa vontade surgem, unindo e fortalecendo o grupo.

O século 20 assinalou a efetiva separação do ser humano do seu “eu interior”, a sua alma, que com isso perdeu sua essência. O homem acabou sendo dominado pela razão, ou pelo raciocínio. Platão reconhecia que acima do corpo perecível paira a alma imortal. Toda estruturação vai se tornando mecânica, o homem também. É algo dito como governo tecnocrático, que vai desumanizando o ser em vez de aprimorar o eu interior.

O ser humano é espírito que deve ser um mediador para atrair Luz para a Terra, mas vaidoso, achando-se muito especial, quer ser a Luz, e com isso espalha escuridão em vez de atrair Luz para a Criação. A cada retorno do espírito para a matéria, o indivíduo vai ao encontro da moradia e das condições que teceu para si, que podem ser boas ou péssimas, a beleza disso é que pode reconstruir tudo com capricho.

Como chegamos a esta situação caótica? Ao longo dos séculos, o querer dos seres humanos foi sendo tecida por etapas: religiões, jacobinismo, darwinismo, nacionalismo, marxismo, fascismo, nazismo. A guerra fria foi o confronto entre o capitalismo e comunismo. No século 21, surge um novo capítulo, o confronto entre o capitalismo de iniciativa privada, dos Estados Unidos, e o capitalismo de Estado, da China.

No fundo, as ideologias ressaltam o poder do homem mais apto para vencer

e dominar, com sua força e sua astúcia intelectual. Nietzsche se encaixa nessa história, no final do século 19, como o pensador que denunciou os limites do racionalismo idolatrado pelos materialistas, e da frouxa moral vigente, propondo uma ruptura radical com os pseudovalores da modernidade. Ele propôs que o ser humano deve reencontrar sua alma criadora.

Provavelmente Darwin não havia pensado que os homens criariam o Darwinismo Social, uma ideologia do século 19 que aplicou, de forma inadequada, os conceitos de evolução e seleção natural das espécies às sociedades humanas. Queriam crer que a “sobrevivência do mais apto” justificaria desigualdades, o imperialismo, o racismo e a hierarquização de grupos, vindo a extinção de “sociedades inferiores” como parte do progresso natural, e sendo usado para justificar atrocidades como o escravagismo, o colonialismo e o nazismo.

O caótico momento presente resulta da falta de bom preparo das novas gerações para a vida e o trabalho. Sem essa formação, não há futuro condigno, permanecendo a espécie humana vivendo de ilusões e circo, afastada do significado da vida e suas leis naturais. Assim foram sendo construídas as ideologias que estão circulando no século 21, tendendo para estabelecer governo tecnocrático forte.

Nos anos 1930, Abdruschin lançou, na Alemanha, a sua obra Na Luz da Verdade Mensagem do Graal, visando recolocar o ser humano diante das leis universais da natureza e da Criação. A obra é um chamado à responsabilidade individual, à verdade interior e à reconexão com o espiritual. Sua obra está disponível em vários idiomas para que os seres humanos possam se libertar dos conceitos errados sobre a vida. Enquanto muitos se perdiam em ideologias e guerras, Abdruschin apontava para a necessidade de, com simplicidade, clareza e naturalidade, sair das sombras e retornar à Luz, ao sentido maior da existência.

Apresentada em linguagem simples, clara e natural, a obra é indicada para todos que estão buscando um profundo entendimento da espiritualidade e da existência humana através da ótica das leis universais da Criação. É realmente uma obra que provoca reflexão profunda.

(*) Graduado pela Faculdade de Economia e Administração da USP. Coordena os sites <https://vidaeaprendizado.com.br/> e <https://library.com.br/home/>. E-mail: bicdutra@library.com.br

Escuta e diálogo nas férias: caminhos para se conectar com crianças e adolescentes

Segundo especialista, diálogo aberto e planejamento conjunto de atividades pode contribuir para redução de conflitos e acidentes

A convivência familiar entre pais e filhos aumenta no período de férias escolares, representando uma oportunidade para o fortalecimento de laços, mas também um desafio para o planejamento de atividades e da boa convivência. O aumento do convívio e a quebra da rotina podem elevar o nível de estresse e o atrito entre pais e filhos, muitas vezes intensificados pela pressão por proporcionar lazer e pela sobrecarga de responsabilidades.

É fundamental que, mesmo durante o descanso, seja mantida uma rotina. Ainda que haja um pouco mais de flexibilidade, é importante estabelecer horários de sono e de descanso, refeições balanceadas e atividades diversas sem uso de telas, isso auxilia no bem-estar e no desenvolvimento saudável. Além de beneficiar a saúde geral, acordos pré-estabelecidos — ainda que mais flexíveis —, facilitam o retorno às atividades escolares no início do ano letivo.

“Durante o período de férias, é fundamental preservar uma rotina que contemple momentos de lazer, mas também horários regulares. A manutenção de horários para dormir e acordar contribui para a preservação do ritmo biológico das crianças, refletindo diretamente em seu desenvolvimento físico, mental e emocional. Além disso, envolver os filhos em algumas decisões, como a definição da programação das atividades, pode favorecer o sentimento de participação e reduzir situações de frustração”, destaca Leila de Almeida, doutora em educação e Gerente Socioeducacional do Marista Brasil.

Leila destaca também que a comunicação e o planejamento participativo são essenciais para mitigar o risco de conflitos. Confira algumas dicas para conseguir um período de descanso seguro e harmonioso.

Sobrecarga e a importância da rotina

Este período pode gerar o aumento dos conflitos familiares, muitas vezes intensificados



pela sobrecarga de responsabilidades e pela pressão por proporcionar lazer. Uma pesquisa de 2023 da IWG, uma rede de coworking, revelou que 62% dos pais consideram estressante conciliar trabalho e cuidados com os filhos nas férias escolares. Consequentemente, mais da metade usa suas folgas anuais para cumprir essas responsabilidades pessoais, enquanto apenas 10% aproveitam integralmente seus dias de férias nesse período. Uma alternativa é recorrer às colônias de férias, contar com o apoio da rede familiar ou, ainda, organizar um rodízio entre os pais da escola para acompanhar as crianças. Eles costumam querer visitar os amigos e se envolver com eles em atividades diferentes. Estimular isso, pode ampliar o vínculo que ajudará no retorno depois.

Leila também explica que “muitas vezes, devido ao aumento do convívio familiar com os filhos, algumas preocupações já existentes com certos comportamentos, tais como birras, agressividade, apatia, isolamento, rebeldia ou problemas relacionados ao sono e à alimentação acabam se acentuando, o que pode gerar conflitos. É importante desenvolver ainda mais a sensibilidade para buscar compreender as causas e os motivos disso estar acontecendo. A escuta atenta, o diálogo é sempre a melhor alternativa. Busque se conectar com a criança, com o adolescente, com seu filho ou sua filha. Desligue também das suas telas por algum momento e olhe no olho deles e delas,

explique o motivo de suas preocupações ou curiosidades com afeto e empatia”, afirma.

Programação leve e variada

É importante limitar o tempo de uso de telas pelas crianças e adolescentes durante as férias escolares. O aumento do uso de dispositivos eletrônicos é comum nesse período, mas o excesso pode afetar negativamente o sono, a concentração e a interação social. Uma sugestão é estabelecer horários específicos para o uso da tecnologia, equilibrando-os com brincadeiras e atividades físicas.

Além disso, uma programação leve e variada pode estimular o aprendizado e o desenvolvimento dos jovens. Opções como passeios ao ar livre, visitas a museus ou bibliotecas, oficinas artísticas e jogos educativos em família. “São momentos importantes para formação das crianças e dos adolescentes, não só fortalecem os laços afetivos, mas também criam memórias duradouras”, completa a gerente.

Envolver todos os integrantes no planejamento

Que tal fazer algo diferente da rotina? Atividades como passar o dia em um familiar, viajar, conhecer um lugar novo ou encontrar os amigos podem envolver todos os participantes. É importante que todos compartilhem seus desejos e expectativas, seja para atividades em grupo, novas aventuras ou experiências gastronômicas. Da mesma forma, é crucial esta-

belecer limites claros e horários de sono e refeições.

“Uma comunicação familiar aberta, envolvendo crianças e adolescentes nas decisões sobre viagens ou rotinas pode aumentar a autonomia dos membros e diminuir a chance de frustrações”, comenta Leila.

Promover ambientes seguros e protetivos

O período de recesso escolar costuma trazer um aumento significativo nos riscos para as crianças. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), durante as férias há um crescimento de até 25% nos acidentes envolvendo esse público, sendo a maioria dentro de casa. As ocorrências mais comuns incluem quedas, afogamentos, queimaduras e intoxicações.

Para reduzir esses riscos, é essencial que haja uma conversa clara com as crianças sobre os perigos e que a vigilância seja constante por parte de um adulto responsável. Entre as recomendações estão: nunca deixar crianças sozinhas em ambientes aquáticos; manter medicamentos e produtos de limpeza em suas embalagens originais, guardados em locais altos e trancados, fora do alcance infantil; e garantir o uso de equipamentos de proteção individual — como capacete, joelheiras e cotoveleiras —, em atividades como skate ou bicicleta.

Além da prevenção de acidentes, promover ambientes seguros e protetivos também significa cuidar das relações sociais das crianças. É importante que estejam sempre acompanhadas por pessoas confiáveis, evitando situações de constrangimento ou exposição a riscos emocionais. A atenção dos adultos deve incluir a observação de possíveis mudanças de comportamento, que podem sinalizar desconforto ou experiências negativas. Dessa forma, a proteção vai além do físico, abrangendo também o bem-estar emocional e social, assegurando que as férias sejam vividas com segurança, alegria e tranquilidade.

Por que janeiro é o mês-chave para transformar resíduos em oportunidade?

Maira Lira Oliveira (*)

Todo início de ano costuma ser sinônimo de planejamento, reajustes e promessas renovadas. Mas há um aspecto pouco discutido que faz de janeiro um mês decisivo para o futuro ambiental e econômico do país: o período em que mais produzimos resíduos e, paradoxalmente, quanto mais estamos dispostos a rever hábitos. Nesse cruzamento entre excesso e reflexão nasce uma oportunidade estratégica para impulsionar a nova economia circular no Brasil.

Após as festas e o consumo intenso de dezembro, o volume de resíduos sólidos urbanos dispara. Embalagens de alimentos, presentes, decorações e itens descartáveis inundam sistemas de coleta já saturados. Em algumas cidades, o aumento chega a quase 30%. Esses dados comprovam que o mês de Janeiro é, portanto, o retrato concentrado de um problema estrutural, a lógica linear de “extrair, produzir, descartar”, que há décadas domina o modelo industrial brasileiro. E é justamente essa concentração que nos obriga a olhar o lixo não como passivo, mas como ativo econômico.

A economia circular, embora frequentemente apresentada como conceito abstrato, é essencialmente simples: trata-se de manter materiais em uso pelo maior tempo possível, reduzindo a extração de recursos e eliminando desperdícios. O que muda agora, na chamada nova economia

circular, é o salto tecnológico e produtivo que permite transformar resíduos em insumos de alto valor. E, nesse caso, o país já começa a dar sinais de que essa transição é mais viável do que parecia há alguns anos.

Setores como reciclagem de plásticos, reaproveitamento de resíduos orgânicos, bioenergia, logística reversa e reuso de água ganharam força, impulsionados por inovação e pressão regulatória. Diante deste cenário, a Política Nacional de Resíduos Sólidos e os acordos setoriais recentes criaram bases para ampliar a responsabilidade compartilhada entre empresas, governos e consumidores. Ainda assim, o avanço é lento: reciclamos pouco, desperdiçamos muito e perdemos valor diariamente.

O mês de Janeiro, nesse sentido, funciona como laboratório. É quando empresas revisam metas, governos definem orçamentos e consumidores fazem escolhas mais conscientes, seja por resoluções pessoais ou pela sensação de “folha em branco”. É também quando as cidades enfrentam o impacto imediato da má gestão de resíduos: lixões clandestinos, enchentes agravadas por entulho e custos extras de coleta. Ignorar esse sinal é desperdiçar o momento ideal para reorientar políticas públicas e estratégias privadas.

Para o setor produtivo, o mês representa a chance de transformar o discurso circular em prática. Investir em design para reu-

tilização, ampliar cadeias de reciclagem, estimular parcerias com cooperativas e adotar materiais renováveis não é apenas um gesto ambiental: é uma estratégia competitiva. As empresas que lideram esse movimento acessam mercados premium, reduzem riscos regulatórios e respondem a um consumidor cada vez mais intolerante ao desperdício.

Para os governos, deveria ser o marco da virada: atualizar planos de resíduos, fortalecer coleta seletiva, modernizar infraestrutura e criar incentivos reais para inovação circular, principalmente porque a cada ano perdido, enterra-se literalmente riqueza em aterros.

E para nós, cidadãos, o começo do ano é o momento mais propício para incorporar hábitos simples: separar resíduos, reduzir descartáveis, repensar compras que, somadas, alimentam toda a cadeia circular. A nova economia circular não é uma utopia verde: é uma necessidade econômica. E janeiro nos coloca diante dessa verdade com clareza rara. Porém, transformar resíduos em oportunidades depende de ação coordenada, mas também de timing. E o melhor momento para começar é agora quando o país, simbolicamente e materialmente, está repleto de restos que poderiam ser o futuro de um país mais limpo e sustentável.

(*) Diretora Jurídica da Corning na América Latina e Caribe.